



“O RAP DO PEQUENO PRÍNCIPE CONTRA AS ALMAS SEBOSAS”

"The Little Prince's rap against greasy souls "

Neilson Silva Mendes

Universidade Estadual de Goiás - UEG
neilson.mendes@ueg.br

Michelle Gusmão Oliveira

Universidade Estadual de Goiás
michelle-gus@hotmail.com

Resumo: Este trabalho buscou compreender, a partir da análise do filme que dá nome a este artigo, “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas”, a relação entre a estrutura das cidades e o quadro de violência presente no documentário. Para tanto, lançamos mão da metodologia descritiva para apresentar o filme aos leitores num primeiro momento e a análise reflexiva em seguida. Além disso, adotamos como método o materialismo histórico da tradição marxista. Tomamos como referência conceitual as obras dos autores Nildo Viana, Franz Fanon e Florestan Fernandes, a indagação central que deu fundamento a pesquisa foi, a violência experimentada em Camaragibe é consequência de como as cidades são estruturadas, reproduzindo a lógica do capital? Como resultado demonstramos a estreita relação entre a lógica do capitalismo e a violência e miséria vividas em Camaragibe e, por causa das opções de parte da juventude, a cidade experimenta uma guerra autofágica, enquanto as causas de seus infortúnios permanecer intocadas.

Palavras Chave: Almas sebosas. Autofagia. Estrutura das cidades. Violência

Abstract: This work sought to understand, based on the analysis of the film that gives this article its name, "O Rap do Pequeno Príncipe against the Sebum Souls", the relationship between the structure of cities and the picture of violence present in the documentary. To this end, we used descriptive methodology to present the film to readers at first and then reflexive analysis. Furthermore, we adopted the historical materialism of the Marxist tradition as a method. We took as a conceptual reference works by authors Nildo Viana, Franz Fanon and Florestan Fernandes, the central question that gave basis to the research was, is the violence experienced in Camaragibe a consequence of how cities are structured, reproducing the logic of capital? As a result, we demonstrate the close relationship between the logic of capitalism and the violence and misery experienced in Camaragibe and, because of the choices made by part of the youth, the city experiences an autophagic war, while the causes of its misfortunes remain untouched.

Keywords: Greasy souls. autophagy. Structure of cities. Violence

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de nossas reflexões a respeito da violência e sua relação com a questão racial, a desigualdade e a estruturação das cidades. A pesquisa que nos proporcionou o recorte que apresentamos neste artigo é parte de uma monografia desenvolvida em 2018, além disso, soma-se a nossa argumentação trabalhos de iniciação científica acerca do uso do cinema na pesquisa histórica.

Todavia, em razão do espaço destinado ao texto optamos por excluir a discussão acerca da categoria documentário como fonte histórica. Cremos que isso não comprometerá o texto, uma vez que, optamos como uma das metodologias, a descrição do documentário que gerou este texto, primeiro decidimos que detalharíamos algumas das cenas, em seguida, lançando mão da metodologia da história oral, mantivemos a grafia tal qual os depoentes no filme expressaram em suas falas.

O objetivo, portanto, é analisar, a partir da vida de Hélio José Muniz Filho, o Helinho, mas também conhecido como “Pequeno Príncipe”, o elo entre o justiceiro, seu contexto e a miséria estrutural, efeito do modo de produção capitalista. E, como indagação que dá fundamento ao trabalho, apresentamos as seguintes questões, é possível considerar que o tipo de violência vivida na Camaragibe apresentada no documentário não seja um produto do seu contexto? Isto é, aquela condição de pobreza e violência é consequência de um sistema que produz a opressão?

Ao nos debruçarmos na análise desse documentário, o fazemos na expectativa de compreender o contexto de reprodução da violência que vitimiza jovens pobres nas periferias, para tanto, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos do método dialético. A importância deste método está no fato de considerar os fenômenos sociais como frutos de um processo histórico, produtos da ação humana, os quais surgem para satisfazer suas necessidades. Esta concepção do marxismo nos dará os subsídios suficientes para observar o documentário, enquanto um fenômeno social, como tal, portador de características próprias; elas surgem em um determinado período histórico e tem sofrido modificações com o tempo.

Esta não é uma pesquisa realizada *in loco*, por isso, optamos em lançar mão do documentário “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas.” O filme produzido no ano de 2000, sob direção de Paulo Caldas e Marcelo Luna. As cenas foram produzidas na cidade de Recife - PE e Camaragibe, região metropolitana da capital pernambucana. A mensagem que

o gênero audiovisual transmite é de representação do real, sem retoques ou até mesmo encenação, é uma tentativa de mostrar a periferia e os indivíduos que lá residem sem mistificar ou condenar a população. O recorte temporal abordado no documentário refere-se a fatos ocorridos em meados da década de 1990 e início dos anos 2000.

A inquietação que nos levou a escolher este documentário, em vez de investigar o problema em reportagens, se deu em razão de como a televisão veicula a violência, fatos narrados, “criminosos expostos”, sem, contudo, haver um debate, uma reflexão a respeito da recorrente violência nas periferias do país. A violência conforme exposta, sobretudo em programas “policiais”, mais parece um espetáculo de horror e estigmatização das populações que vivem nas periferias. Os indivíduos e o contexto de miséria em que vivem são expostos como se as causas da violência brotassem ali, como se a causa fosse apenas “vagabundos” de má índole praticando o mal.

Tomamos como referências conceituais, os textos do sociólogo Nildo Viana e Franz Fanon, o primeiro contribui para pensarmos a relação do capitalismo e a forma como as cidades são estruturadas, reproduzindo um sistema de opressão e violência, deste último adotamos os conceitos de cidade do colono e cidade do colonizado, por consideramos análogos à realidade da desigualdade que impera na organização das cidades Brasileiras, situação que gera um antagonismo, sobretudo entre aqueles que sofrem a miséria, os quais muitas vezes produzem uma concretude autofágica.

A primeira parte do texto é quase toda ela uma descrição do cenário, das cenas e das falas dos entrevistados, contendo pouca análise. Optamos por esse modo, para que no segundo tópico pudéssemos tratar das relações da violência em Camaragibe com a estrutura do capitalismo. Assim, o trabalho de construir argumentos ficou para o segundo tópico.

O filme em questão é a história de Helinho, um jovem que se incumbiu da tarefa de garantir alguma paz aos habitantes de sua cidade. Sua meta, de acordo com seu depoimento no é limpar a periferia das sujeiras que afetam “o direito de ir e vir, o direito a andar em segurança, o direito de não ser assaltado”. O ingresso de Helinho no “mundo do crime” se deu a pretexto da prática de uma justiça que segundo ele mesmo produzia uma limpeza na cidade onde vivia.

Mas sabemos que as periferias são marcadas pela falta de expectativa, sobretudo no que diz respeito a juventude negra. A exclusão social e econômica do negro, as barreiras para conseguir trabalho e renda, as dificuldades de fazer uma carreira acadêmica, podem estar entre as razões de muitos deles encontrarem alternativas na prostituição, tráfico, assalto. E, como apontou Helinho, caçador de “almas sebosas”.

Ao final da averiguação conseguimos demonstrar que Helinho, embora não seja inocente em razão dos crimes cometidos, ele não pode ser considerado a fonte de tanta violência e morte, o “Pequeno Príncipe” é produto de uma estrutura que extrapola a própria existência de justiceiros como ele. Assim como, a miséria retratada no filme, a precariedade em que vivem os moradores embora aconteçam ali, concluímos que as razões decorrem de uma estrutura engendrada de um sistema de acumulação e opressão.

O CAÇADOR DE “ALMAS SEBOSAS” E OS HUMANOS SEM DIREITOS

Para iniciar esta análise é preciso entender um pouco mais de como analisar um documentário. Segundo Bill Nichols (2012) o primeiro passo nada mais é que assistir o próprio documentário. Segundo ele, a assistência deve ser realizada várias vezes, para enfim tomar notas do que é a sua essência. É preciso também tomar notas das partes que o assistente achar que sejam fundamentais sobre o tema abordado, o que vai possibilitar assim analisar e fazer uma crítica plausível de ser debatida.

Tomar notas é uma tarefa seletiva. Só conseguimos nos dedicar a alguns aspectos do filme. Podemos escolher alguns aspectos do filme. Podemos escolher focar o estilo da câmara ou a montagem poética, a presença do cineasta ou o desenvolvimento dos atores em tudo ao mesmo tempo. As notas proporcionam o registro de algumas de nossas preocupações e interesses (NICHOLS, 2012, p. 212).

A assistência de um documentário por mais de uma vez propicia ao analisador certa consciência sobre o que se vê. Com isto o assistente pode ser mais rigoroso, ou seja, pautar sua análise por uma racionalização maior sobre o contexto histórico, a intenção do cineasta ao produzir tal documentário, os efeitos cinematográficos usados e ainda possibilita fazer críticas e indagações do que foi produzido. De posse dessa metodologia nos debruçamos na análise do "Rap do Pequeno Príncipe", conforme apresentamos a seguir.

O documentário “O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas” dirigido por Paulo Caldas e Marcelo Luna, lançado nos anos 2000, ambos tiveram como objetivo central mostrar “a periferia como ela é”, para tanto, gravaram tanto em Recife, como em Camaragibe, na região metropolitana. Os diretores colheram doze depoimentos sobre o caso Helinho, este jovem se impôs a tarefa de exercer justiça e limpar sua cidade das “almas sebosas”.

A primeira cena do filme é de um homem negro de aproximadamente 25 a 30 anos, cabelo *black power*, sem camisa, apenas vestido com uma calça de algodão, pés descalços e sujos, rastejando na rua repleta de pessoas que andavam rapidamente, quase esmagando o

homem ao chão, sua respiração estava ofegante, no entanto, não parava de rastejar sob olhares indiferentes, sem contudo desviar de sua trajetória.

Em câmara lenta surge um cenário marcado com uma decoração em Arte de Grafite, na porta de alguns estabelecimentos, o nome do documentário, em seguida, pessoas andando no centro de Recife, em destaque na cena a construção monumental do prédio do Palácio da Justiça de Pernambuco.

Em contra ponto surge um homem por volta de 19 a 24 anos de costas para a câmara correndo em uma favela, com iluminação precária, ruas sem asfalto, cruzava os quintais de chão batido de casas improvisadas, pulando degraus de montões de terra, passando por poças de lama, ao mesmo tempo ouve-se o barulho de criança chorando, galinhas e cachorros alvoroçados e também de sirenes, enquanto o jovem continuava sua fuga.

De repente a cena muda da favela, surge uma área da cidade planejada, com construções de edifícios, iluminação pública. Cenas que retratam a dicotomia entre a periferia e o centro da cidade, reproduzindo a lógica da "cidade do colonizado e do colono" de Franz Fanon (2008).

No início o filme apresenta várias tomadas em cenários distintos. Nos giros da câmara surge a cena de um jovem¹ atrás das grades de uma cadeia, usando camisa de cor mesclada verde escuro com verde água, bermuda jeans, colar de prata com amuleto, lábios grandes, pele negra, cabelo crespo, porém, com corte curto e semblante triste:

Meu nome é Hélio José Muniz vinte e um (21) anos, o nome da minha família da minha mãe é Maria José Muniz, o nome do meu pai é Hélio José Muniz, meus irmãos [...] cinco (05) homens e cinco (05) mulheres é dez (10) irmãos.
O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min)

Após a fala do jovem, a tomada muda para um local com instrumentos de percussão e bateria, um homem sem camisa sentado em frente a bateria prestes a tocá-la, no entanto, há uma mudança de tomada para uma sala de aula com muitas mesas e cadeiras vazias e um homem negro de óculos de grau redondo, se apresenta como:

José Alexandre Santos de Oliveira, tenho vinte e sete anos (27), sou filho de João Francisco de Oliveira, Maria José Santos de Oliveiras, sou casado com Fabiola Cristina de Oliveira sou pai de Luís Vinicius Lima de Oliveira, Tiago Felipe de Oliveira. Meus Irmãos é André Luís de Oliveira, José Alessandro de Santos de Oliveira, Ane Emanuelle, e Assis Aurélio. Eu sou Baterista da banda "FACES do Subúrbio", nascido e criado em Camaragibe.
Eu tinha vindo de do centro de Recife, tinha ido comprar a roupinha de natal né, de ano novo e cinco e meia da tarde (05:30 pm) e fui atravessar a ponte chamado Balde, um lugar esquisito pá carai, sinistro, quando cheguei em uma das cabiceiras tinha um boy,

¹ Talvez, a ideia é que Helinho seja o protagonista do filme, porém consideramos o contexto em que ele viveu o ator principal, assim, tanto ele quanto suas vítimas são mais produtos que produtores.

André Coveiro no meio da ponte, tava o Van Ray e os dois eram Brothers meu, conhecido trocava ideia e bebi a onde eu tocava sempre colocava uma birita pros caras tomar e só os caras me consideraram passei na boa, só que, mas a frente chego um cara chamado Paulistano e botô o cano em cima de mim, mando eu tirar a bermuda e fiquei só de cueca e levou minha grana. Eu tinha cento e vinte conto (120,00 reais) que era pá mim mandar pro meu pirralho, pro meu primeiro guri (Luís Felipe Lima de Oliveira), e fiquei de cueca assim.

Voltei pra casa desesperado, passou-se uns meses eu acho que Helinho já vinha, o cara já tinha aprontando com Helinho também nesta parada se não me engana tinha tirado o cunhado dele, tinha feito uma treta com ele, e cumeu o cara de coco na micareta, mandou o cara rezar o pai nosso, o cara quando disse segure ai o cara na cabeça pah!

O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min)

O recorte supracitado revela a convivência de algoz e vítimas, se conheciam pelo nome, sabia ao menos um pouco da vida do agressor. A violência na periferia resulta de um processo de construção social, cujos envolvidos não são estranhos, estão no mesmo território de miséria social, cultural e econômica, espaço em que, a luta pela superação da miséria, a depender da escolha do jovem nessas periferias, gera ainda mais misérias, sobretudo quando alguns encontram no crime a solução por sua precariedade de cada dia.

Na medida que o documentário avança, pessoas são ouvidas, a figura de Helinho torna-se cada vez mais associada a de um justiceiro. Garnizé, o qual o conhecia pela narrativa de terceiros, fala do jovem o identificando com a pobreza do local, "um jovem de baixa renda", o qual se envolveu com um grupo que eliminava indivíduos denominados de "almas sebosas". Garnizé afirma:

Conhecia só de fama só, ele é uma cara que saiu de um bairro também de baixa renda lugar precário pra caramba, chamado Detran, tinha feito umas tretas lá, tinha feito uma limpeza e foi morar lá em Camaragibe e se envolveu com uma galera lá que começou a detonar uma raça podre que tinha lá.

O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min)

O conceito de justiça do jovem garantiu a ele a figuração entre os criminosos mais conhecidos de Pernambuco, porém, nenhum depoimento é tão caro quanto o da mãe, ela o conhecia antes que o crime o enredasse, afinal ninguém nasce criminoso. Porém, em sua primeira aparição no documentário, a mãe de Helinho apenas descreve uma cena, muito provavelmente a saída para mais uma "prática de justiça":

Ele se levantou-se eu vou atender, e eu deitada disse eu vou atender e foi, ele se levantou-se e eu disse menino não vai não, ele disse “ eu vou aqui na frente”, ai ele atendeu o colega e eu deitada só vi a voz, mas, não reconheci quem foi ai ele atendeu o colega, ele entra veste camisa e sai, e eu pelo amor de Deus, vem-te embora pra cá e ele, “não, vou aqui” e foi-se embora. O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min)

A expressão dela, revela uma mãe que já havia perdido o controle sobre os atos do filho, a palavra dela parece já não exercer nenhuma influência sobre Helinho. Porém, o próprio Helinho revela como sua mãe soube da "missão" que ele se incumbiu, conforme as circunstâncias do seu meio ambiente, o diálogo a seguir revela como ele interpretava a postura da mãe em relação a escolha do filho:

No início minha mãe ficou... Mãe é mãe, mãe conhece quando filho tem alguma coisa e ela ... Como se diz, muita gente tava dizendo muita coisa de mim, mas só que ela não aguentava, ela via nada, e eu não demonstrava nada que eu fazia, minhas coisas na rua e não tava demonstrando em casa. Aí cheguei em casa muito assustado peguei dei o revolve e coloquei debaixo do trabissero e fui dormi. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min)

A mãe do “Pequeno Príncipe” parece ter se deparado com o cadáver deixado pelo próprio filho:

Eu olhei era 03:00 horas da manhã e eu falei ainda com ele isto é hora de chegar? Do jeito que tá aqui os outros estão matando gente por ai a fora e ele disse “ Não, eu tava aqui na esquina”. Ai foi quando comentário mataram o Boca Nor, mataram o Boca Nor, ai eu fiquei pensando oxi será que ele morreu? Todo mundo tão dizendo que ele morreu! Eu vou lá olhar. E fui indo pro trabalho, ai eu vi la um cadáver la. O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

Na sequência o jovem justiceiro aparece revelando como foi que a mãe constatou o ofício de matador escolhido. O noticiário local dava conta da sequência de ações dele.

Aí foi quando se estourou, sem querer eu contei a umas pessoas que não devia ter contado. e pá mim, eu contando eu ia desabafar, mas não devia ter contado, ai as pessoas já começou a contar pra outra, se foi contar pá outras e sem querer bateu nas bocas dos caras, ai já começou uma guerra, os caras querendo me matar, e eu querendo matar eles, ai foi quando eu comecei, matei um, matei outro, e fui-me embora e minha mãe aperreada, meu nome saia no rádio direto “- Chefe de quadrilha, briga de quadrilha, morre dois, deixa um e começou sair estas coisas no rádio. O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

O clima em Camaragibe impunha esse enfrentamento de uns contra os outros, sem a devida compreensão de que a causa era estrutural, não individual. A personificação do conflito revela a ignorância quanto a divisão da sociedade ou da própria estruturação da cidade, a própria programação de rádio reproduz a individualização das causas da violência na periferia.

A cena seguinte, o filme apresenta o depoimento do delegado a respeito do Helinho, é a primeira vez que uma fala institucional aparece no documentário, primeiro fala o delegado João Vieira filho, em seguida o Hélio e por último, Garnizé:

Sou delegado especial de Polícia da capital (Recife), as informações que eu tenho certo é que ele praticou quarenta e quatro homicídios, declarou a imprensa local, escrita, falada e televisada, certo?

Neste mundo a gente tem que atirar para não morrer, e se eu não tivesse tirado a vida de muita gente, muita gente safada, muita gente inocente tinha morrido. Cara, eu acho que tem² o direito de tirar a vida de ninguém, só que poh, o cara pensar em sair de casa bicho de manhã cedo e trampa, passar o mês todinho ralando pá no final do mês ganha 130,00 conto, chegar um filho da puta, mete o cano em cima de tu e toma tua... teu sapato, toma tua grana e arrombar teu barraco é...

O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

Enquanto o delegado contabiliza os crimes, Helinho expressa sua preocupação em ficar vivo, para proteger “muita gente boa,” Garnizé afirma, ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém. Mas deixa no um mas... ele expressa de forma a parecer justificar, como se, apesar de não concordar, há atitudes que legitimam o assassinato como prática de justiça. Após as afirmações acima, o documentário nos conduz para uma cena no interior do Palácio Judiciário, onde um homem trajando terno cinza, gravata preta, ele já aparece falando:

Nossa constituição diz que todos são iguais perante a lei independente de sexo, raça, cor e etc. É verdade que o nosso país é um país grande e rico, mas, é infelizmente nem sempre os recursos são bem aproveitados por conta disto a gente tem problema social grande, a gente vê pobreza, a gente vê favela, acredito que 80 - 90% da nossa população é de uma classe menos favorecida, e que por conta disto por si só, pela falta de acesso à informação já tem também uma falta de acesso à justiça. O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

Quando o advogado fala em justiça, ele até ensaia uma associação entre a desigualdade e o acúmulo de miséria, razão de tanta violência, porém ele acaba apontando prejuízo apenas a ignorância que afasta o pobre do acesso ao sistema judicial. Após encerrar a primeira parte da fala do advogado, ocorre uma transposição de cena para a sala principal de julgamento do Palácio da Justiça de Recife. Mas cena segue com o advogado expondo sua visão a respeito dos efeitos da pobreza:

Por que se a pessoa não tem conhecimento dos seus direitos como vai procurar? Procurar uma coisa que não sabe que tem. Meu nome é Eduardo Trindade eu tenho vinte e seis (26) anos, sou advogado criminalista, sou formado há dois e meio. O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

O advogado preocupado com a ignorância e a conseqüente falta de acesso a direitos, a proteção e justiça, ao encerra sua explanação a câmara nos leva para um local aberto de chão batido, onde outra concepção de justiça aparece. Na cena aparece um homem de sandálias,

²Acreditamos ter faltado um verbo, provavelmente Garnizé quis dizer “ninguém tem o direito”, pois a frase ganha sentido lida com.

bermuda, camiseta cinza, encapuzado com um pano que cobre sua face, apenas o olho fica de fora, logo em seguida aparece outros homens também encapuzados. Era o bando do Helinho, nesse diálogo os entrevistados expõem seus argumentos em defesa da eliminação das “almas sebosas”:

O que nós faz, nós faz limpar a cidade, é tirar as almas sebosas, ladrão, é assaltante, safado, traficante. Muda a tomada para cena de um homem batendo em outro na televisão. Televisão eu não gosto de televisão não, não gosto, televisão não é comigo não. O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

Outro homem do grupo membro do grupo afirma:

Eu tenho é dote, eu me inspiro na televisão. Eu vejo assim, como humilhação meu irmão, aquele Steven Segall, eu me amarro naqueles dois, aquele cara ali é foda. É demais, o que eu vejo eu quero fazer, né meu irmão, mas eu sei que ele é mocinho nunca morre, né? Mas eu morro, né! Olha, se a gente morrer nasce outros, o problema é este, nunca se acaba, a mesma coisa é você, você mata uma alma seboza, amanhã tem dois, três no mesmo lugar, sempre tem é uma batalha grande.

O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

Notamos que o conceito de acesso à justiça do bando de Helinho é bem diferente daquele do advogado. A ideia aí é que justiça são eles. Helinho não é o único a se incumbir da tarefa de justiceiro na periferia do Recife, o seu grupo, além de se impor tal tarefa, ainda apontam a ficção do cinema americano como inspiração, assim como o ator Steven Segall logra êxito em sua luta contra o crime ou contra injustiças, o grupo deseja realizar a mesma tarefa.

Assim como seus colegas “justiceiros”, Helinho também acha que matar é um mal insolúvel, porque segundo ele, na favela, matar um único homem haverá sempre uma reação, a vingança levará a outra morte. É o que ele diz a conversa com o documentarista. Ao contar como recebeu o apelido de “pequeno príncipe”, mesmo sendo um matador, ele era querido, considerado justiceiro, e até mesmo venerado na comunidade em que morava.

A malandragem sempre começa com um, mas termina com dez e se matar um tem que matar todos, porque se matar, matar um ou dois, junta dois três que tá vivo começa conhecer outros piores, aí já faz outro grupo, aí já quer vingar a morte daquele de morreu. Fui chamado de pequeno príncipe porque comecei a trabalhar no pagode do Estancio, no pagode que tinha lá no bairro novo, ali de frente o PPO, eu trabalhava de segurança. Isso aí tornou porque foi que botaram esse apelido em mim, porque todo mundo gostava de mim.

O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

A visão que o Helinho tem de si pode ser um tanto romantizada, um “assassino querido”. Mas, também, pode haver algum grau de realidade nessa descrição dele. As “almas sebosas”, ao

serem eliminadas por justiceiros pode mesmo gerar certa expectativa positiva da comunidade com aquele que produz a “limpeza” no local. Qualquer que seja a realidade aqui, estamos diante do fato, da ausência do Estado, primeiro como garantidor da reprodução da miséria, ao não ter políticas para as periferias, depois por não exercer adequadamente seu papel de polícia, o que leva muitas vezes justiceiros serem bem quistos.

O Delegado fala a respeito da visão que parte da comunidade tinha do “pequeno príncipe”; ele se refere a um Abaixo-assinado que os moradores da comunidade fizeram para libertar Helinho da prisão, alegando que o jovem era de bem, e que quando ele estava solto, os casos de roubo e estupros diminuiriam. Assim, podemos considerar que o Helinho não era exatamente produto de si mesmo.

Eu acho isto um contra senso, até porque, às pessoas que manifestarem em favor de uma pessoas que se diz justiceiro, não sou eu que estou afirmando certo, e sub-escrever um abaixo assinado dando no caso como você a pergunta dando razão que era uma pessoa de bem, uma pessoa séria, você acha que um ser humano que comete uma gama de homicídios desta quantidade ele é uma pessoa de bem? Nós não estamos vivendo na época de lampião nem de Antônio Selvino.

O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

Não “estamos mais na época de Lampião”, disse o delegado. Porém, nos perguntamos se as condições de insegurança e abandono em que vivem os sujeitos na periferia do Recife veem mesmo um cenário tão diferente daquele vivido por Lampião? Para quem subscreve o Abaixo-assinado, o sentimento é de que sem um “Lampião”, a vida no Camaragibe seria ainda pior.

Os indivíduos esperam que o Estado garanta a dignidade necessária para seguirem suas vidas, como tal não ocorre, para aqueles em situação de maior vulnerabilidade, como os que vivem nas favelas, qualquer solução pode ser abraçada como um fio de esperança e, parece que Helinho e seu grupo representava esse fio, ladrões, estupradores e outros criminosos encontravam o destino merecido, a justiça estava garantida com alguns lampiões na rua.

Helinho não era apenas resultado de suas circunstâncias, essa cidade que não está mais no tempo de lampião, na concepção dele, talvez continuasse a demandar alguém que se levantasse para fazer aquilo que o Estado não fazia, os tempos são outros? Sim, mas o abandono, a exclusão da população preta, sobretudo preta das periferias, ainda é o mesmo. Quando o delegado apontou que os tempos são outros, são para quem? Para Helinho o tempo de fazer justiça era justamente o que ele estava vivendo, era o tempo do “Pequeno Príncipe” virar Lampião.

O cenário de Camaragibe descrito por Garnizé, cidade que as pessoas iriam apenas para dormir, onde os moradores lutam contra a pobreza, as vezes fazem de suas casas pontos de venda, na expectativa de ganhar algum dinheiro. Camaragibe não tinha locais apropriados para lazer, tudo era improvisado, como improvisada era a justiça do Helinho. As casas pequenas em cima do morro, esgoto correndo a céu aberto, conforme aparece nas cenas do filme e afirmado nas palavras de Garnizé, como demonstraremos mais adiante.

É nesse contexto que jovens como Helinho fazem suas vítimas e cruzam com seus algozes. Porém, não são eles os “paridores” desse contexto, são eles que, ao reagirem a conjuntura em que vivem reproduzem a miséria, a esperança se materializa no crime, para muitos a única porta que permite passagem. A cidade habitada por Helinho e suas vítimas e as vítimas que este último fizera constituem uma metáfora perfeita do que Fanon (2008) chama de Zona habitada pelos colonizados — análoga aos favelados de Recife e Camaragibe — e a zona habitada pelos colonizadores, correspondente as zonas habitadas pelas elites.

Helinho se desenvolveu "na cidade do colonizado", o documentário, embora tenha o tenha como protagonista, revela outros protagonistas que produzem tantos outros como ele, o filme tem cinco eixos expoentes do antagonismo entre o centro e a periferia, cada um desses eixos se articulam com o comportamento das “almas sebosas” e dos justiceiros.

O primeiro eixo se refere a diferenças sociais, a realidade do centro, a Recife é o centro planejada, local bonito, iluminado, já em contrapartida em Camaragibe é o canto esquecido em cima do morro, sem asfalto, as vidas se ajeitam no improviso. Camaragibe é a cidade dos "colonizados", revela a abolição de um sistema cujo negro estava condenado a marginalidade. No Brasil, as zonas dos "colonizados", são as áreas que sobram para a grande maioria da população negra, onde a vida parece sempre ser uma gambiarra.

A violência vivida e praticada pela juventude das periferias não está apartada desse processo excludente. O filme revela o quanto esse ambiente pode ser, a exemplo do que ocorrera em países colonizados em África, onde a agressividade se constituiu, muitas vezes o ato contra os da mesma fronteira. Para aqueles que encontram na violência, seja a pretexto do que for, uma luta contra esse estado de abandono, muitas vezes acabam por criar uma guerra interna, exatamente como Fanon descreve a situação dos colonizados:

Esta agressividade sedimentada nos músculos, vai o colonizado manifestá-la primeiramente contra os seus . É o período em que os negros brigam entre si e os

policiais, os juizes de instrução exasperam-se ante a assombrosa criminalidade norteafricana. (FANON, 1997, p. 39).

A violência produzida no interior das comunidades marginalizadas são analisadas pelas autoridades, tratadas com certo espanto, porém, sem qualquer consideração sobre o processo de marginalização sofrido pelos moradores das fronteiras "colonizadas". Não entendem a violência como consequência. O Delegado supracitado se enfureceu com o abaixo assinado em favor do Helinho, mas não parece capaz de analisar os "helinhos", de localizá-los no seu contexto. Isto é, o delegado não entendeu que o problema é estrutural.

O segundo eixo do filme nos expõe as alternativas encontradas na Camaragibe "colonizada". Os moradores parecem encurralados pela pobreza extrema, ao ponto que o assalto e o furto se tornam para alguns um meio de sobrevivência. Porém, isso gera a busca de outro caminho, segundo expressou Garnizé, a vingança aparece como mecanismo de defesa, quem rouba é "alma sebosa", o destino deve ser a morte. Fanon (1997) aponta a violência como uma forma de extravasar, liberar a opressão que o próprio favelado vive, só que, a violência é liberada do oprimido para o oprimido, e é necessário redirecionar esta força do oprimido para a luta contra o seu maior inimigo, que são as classes dominantes que os oprimem.

Quanto mais o povo compreende, mais se torna vigilante, mais se torna consciente que de definitivamente tudo depende dele e que sua salvação reside em sua coesão, no conhecimento de seus interesses, na identificação de seus inimigos. (FANON, 1997, p. 157).

Ao considerarmos a afirmação desse autor, retomamos o que dissemos anteriormente a respeito da compreensão do delegado, o qual personifica a tragédia, ignorando a desigualdade como causa, uma leitura obviamente limitada, por outro lado, o bando de Helinho entende que é preciso dar uma solução para por fim as "almas sebosas", mesmo reconhecendo que, mata-se um surge outro, ele não consegue perceber outra saída senão o extermínio, numa guerra de vítima contra vítima, de "colonizado contra colonizado".

Ele consegue entender apenas que aquele ambiente retroalimenta as condições para surgirem "almas sebosas", as quais demandam o surgimento de justiceiros como ele, porém, não consegue perceber que, o que ele vê por dentro, é gerado de fora, resulta de um histórico de marginalização da periferia, não entende como consequência da orquestração de um sistema baseado na exclusão, na acumulação e na exploração, por isso, as soluções encontradas por ele e aquelas as "almas sebosas" são apenas mais uma forma de se auto destruírem, mas não serve ao enfrentamento coeso contra o "inimigo de fato."

O terceiro eixo aponta a educação como alternativa aos jovens, a escola poderia evitar o ingresso dos jovens de Camaragibe num círculo vicioso de violência e morte. A escola é

destacada como meio de produção de uma consciência da negação da barbárie. A arte também seria uma forma de resistência destacada por Garnizé, como uma linguagem. A educação e arte juntas poderiam confrontar não só a violência, como também confrontar o estigma reproduzido nos meios de comunicação, os quais invariavelmente apresentam os moradores de Camaragibe como "vagabundos."

Essa via, ajudaria a confrontar justamente o quarto eixo, o eixo da discriminação e do preconceito, o eixo da generalização, o qual aponta sempre o "favelado" como degenerado, vagabundo, sem cultura, culpado pela miséria em que fora abandonado, a fronteira em que vivem os moradores de Camaragibe, resulta de um mundo dividido, uma divisão imposta a eles, reproduzindo assim a lógica "do colonizado".

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. [...] Nas regiões coloniais, ao contrário, o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e freqüentes, mantêm contacto com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. Quanto mais o povo compreende, mais se torna vigilante, mais se torna consciente que de definitivamente tudo depende dele e que sua salvação reside em sua coesão, no conhecimento de seus interesses, na identificação de seus inimigos. (FANON, 1997, p. 28).

É difícil não fazer analogia entre o colonizado desse autor e o morador da região metropolitana do Recife, a situação é análoga, tem os mediadores, o braço armado do Estado, a mídia, sobretudo o chamado jornalismo policial que além de naturalizar a miséria, glorifica a violência como espetáculo e condena a periferia ao eterno desprezo dos de fora, uma espécie de condenação perpétua a exclusão.

Por fim, a justiça é o quinto eixo do documentário. O sistema de justiça deve garantir o cumprimento da lei, os transgressores devem pagar pelo seus atos, seja pagando uma fiança, cumprir pena na prisão. A opressão do Estado através do seu aparelho de segurança, garante a reprodução da violência contra a classe trabalhadora. Fanon (2008) aponta o uso da violência policial como uma maneira dissimulada de mostrar a opressão da dominação de classe.

"AUTOFAGIA" EM CAMARAGIBE: O FOGO "AMIGO"

O cenário descrito acima, produzido pelos cineastas Paulo Caldas e Marcelo Luna buscaram analisar a violência urbana em Camaragibe relacionando-a com questão racial da

cidade metropolitana de Recife. No período época em que o filme foi produzido, a cidade constava no *ranking* mundial como um dos piores lugares do mundo para se viver, ocupando o 4º lugar. Violência, opressão e insalubridade compunham o cenário representado no documentário.

A violência, no entanto, antes de ser categorizada como a ação de indivíduos, conforme Nildo Viana (2002), a define como algo caracterizado pela imposição de um indivíduo ou grupo social sobre o outro, ela é produto do seu contexto, político, social e econômico. É do contexto que emerge a relação social de autoridade contra a vontade de indivíduos que sofrem com a opressão. Porém, a violência institucional cria as condições para que ela ocorra entre indivíduos da mesma classe social.

A Camaragibe de Helinho, é análoga a cidade do colonizado de Franz Fanon (1997), a descrição desse autor, ao apresentar o paradoxo entre a cidade do colono versus a cidade do colonizado, porém para o caso em tela se opõem Aldeia³ versus bairros, de resto a descrição de Fanon nos serve para pensar o contexto de reprodução de violência na 4ª “pior cidade para se viver” nos anos de 1990.

A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Estas duas se opõem, mas não em função de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao princípio da exclusão recíproca: Não há conciliação possível, um dos termos é demais. A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde os caixotes do lixo regurgitam de sobras desconhecidas, jamais vistas, nem sondadas. Os pés do colono nunca estão a mostra, salvo talvez no mar, mas nunca ninguém está bastante próximo deles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de sua cidade são limpas, lisas, sem buracos, sem seixos. A cidade do colono é uma cidade saciada, indolente, cujo ventre está permanentemente repleto de boas coisas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, e estrangeiros. A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a mediana, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de que. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre o outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. (FANON, 1997, p.28-29).

Camaragibe e Helinho se confundem nesse cenário, um jovem acusado de 44 assassinatos, um justiceiro, um caçador de “almas sebosas”, um sujeito que impõe sua violência contra outros é produto de uma cidade cuja descrição a seguir nos leva a crer que se trate de um ambiente que é a expressão da violência, onde a fome e a escassez agridem a dignidade humana, Garnizé, ao ser entrevistado faz a seguinte afirmação:

³A Aldeia é a região nobre de Camaragibe, corresponde no contexto do filme, a cidade do Colono, por isso ela é oposta aos bairros, no filme definido como “o centro”.

Póh bicho aparentemente a gente pensa que Camaragibe é uma cidade pacata do caralho e é aquela coisa né? Feito a gente pode comprovar, a gente chega lá e vê a população nos bancos, é assim lá, bicho. É uma cidade dormitório bicho, não tem emprego o cara, a gente só vai lá para dormir mesmo e trabalhar no centro aqui de Recife e em cidades adjacentes. Cara, ai eu acho que é falta de oportunidade, não dá oportunidade pro jovem e outra que é aquela coisa né, coisa fechada bicho, fabrica pequenininha poucas pessoas trabalham eu acho que é isto. Todo domingo têm um pagode né, foi até o Helinho trabalhava no pagode daqui, pelada a lendária pelada a daqui é o de todo bairro têm um campinho. É basicamente isto, é forro bicho, pagode, futebol e balé funk e eu acho que nada a mais do que isto. O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

A forma como a sociedade e a cidade se estruturam pode possibilitar a emergência de um espaço de violência, fazendo surgir “helinhos”. A estruturação de Camaragibe se divide em bairros/setores nobres, periféricos, industrial, comercial, etc. Todos estes são concretizados por meio da relação de socialização e divisão do trabalho, e quem é dono dos meios de produção é também possuidor dos setores residenciais planejados, os que vendem sua força trabalho, muitas vezes não tem nenhuma condição de morar nos mesmos setores dos empresários, em geral ocupam as periferias, os lugares “esquecidos”.

As favelas, os cortiços, a falta de infraestrutura, são outros aspectos dos problemas urbanos geradores de conflitos e violências. Este processo reforça a divisão social do espaço urbano e cria o processo de segregação espacial (Meyer, 1979, Corrêa, 1995, Lojkine, 1981), no qual o proletariado e o lumpemproletariado são marginalizados no espaço. Tanto o proletariado quanto o lumpemproletariado são transformados em moradores das periferias, favelas, cortiços e “invasões”, o que torna ainda mais problemática. [...] A violência se instala na cidade devido à luta pela moradia e por aspectos derivados de condições precárias de vida e habitação, tais como moradias muito próximas, que geram animosidade, principalmente tendo-se em vista a falta de infraestrutura básica água, esgoto, rede elétrica e etc. (VIANA, 2002, p.37-38).

A cidade, cenário do filme que fundamenta este trabalho, se enquadra nos aspectos apresentados por esse autor, primeiro por que existe uma divisão de espaços, área do centro e área da “Aldeia”, segundo devido a própria localização de Camaragibe, a descrição de Nido Viana no remete a análise de Fanon (1997), a lógica é a mesma. A divisão de Camaragibe segrega a pobreza e protege os ricos:

A população distribuía-se em duas áreas principais: o centro, onde habitava a maior parte dos residentes, e a área de Aldeia, caracterizada pela presença marcante de chácaras, granjas e condomínios fechados de grande porte, habitados por população de renda mais alta, em contraste com a maioria dos que moram no centro e nos bairros de seu entorno. (FIOCRUZ, p, 01).

Camaragibe é dividida em duas áreas, uma chamada de Centro, onde se concentra a maior parte da população, é uma região ocupada por “proletariados e lumpemproletariados”, é a parte “distribuída” em bairros, conforme apontados por Mano Brown e integrantes da banda Racionais MC’s.

É por que os caras falou, que 3º ano consecutivos que é o lugar mais violento do mundo em números de homicídios né, lá Jardim Ângela, Parque Santo Antônio, Capão Redondo, né é isto ai. Os integrantes da banda respondem: —É tudo Zona Sul.

Mano Brown: Tudo Zona Sul e tudo um do lado do outro quer vê? (Ele levanta-se, vira e ergue o braço e aponta o local) Aqui é o Ângelo aqui naquela casa branca, ali é o Capão, lá encima naquela azul já é o São Luís, lá nas arvores lá na casa lá encima já é o Parque Santo Antônio. É assim um do lado do outro. Outro integrante diz: Aqui também né aponta o Alto Brasil, Alto Pascoal, Teresinha tudo colado um grudado no outro. O RAP do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. 1 DVD. DOC (75 min).

A outra parte de Camaragibe é a região intitulada como Aldeia, uma região de condomínios fechados como o nome sugere é um território fechado, símbolo da acumulação, da exclusão e opressão. As construções são de alto luxo, tendo pousadas planejadas para o gozo daqueles que podem pagar pelo luxo. Isto é, o mesmo território abriga “a cidade do colono e a cidade do colonizado”.

Por ser uma cidade da região metropolitana de Recife, trabalhadores e trabalhadoras de Camaragibe dependem de postos de trabalho na capital ao lado. Por isso, Garnizé e outros entrevistados a chamam de cidade dormitório, ou seja, recife demanda a mão de obra da periférica Camaragibe, mas sua população tem apenas a opção de vender a força de trabalho, sem receber muito em troca.

Segundo Garnizé, em 1998 Camaragibe foi considerada o quarto pior local no mundo para se viver, esta posição é estabelecida por vários critérios como nível de educação da população, renda per capita, saúde, saneamento básico, e principalmente os índices de mortalidade, se mortes de causa natural ou resultado da violência "estruturada".

De acordo com Laura Jullyana Noia Bezerra (2009), a Organização das Nações Unidas avaliam que o número de homicídios de dez (10) mortes por cem (100) mil habitantes é um indicativo de uma condição epidêmica, ou seja, há um descontrole de simultaneidade de mortes, é um surto social, que segundo Júnior (2010), em Camaragibe este número foi além de um surto, é uma situação catastrófica, são de trinta e quatro vírgula nove (34,9) por cem mil habitantes, um integrante da Banda MC Racionais no documentário disse que a população sofre com uma guerra de derramamento de sangue. Segundo Nóbrega Júnior,

“O período crítico engloba os anos de 1994 a 1998. O estado apresenta uma ‘explosão’ no índice de homicídios por 100 mil habitantes. As taxas saltam de 34,9 para 58,9 entre 1994 e 1998, quase dobrando”. (JÚNIOR, p. 60, 2010).

A Violência homicida entre 1994-1998 saltou, de acordo José Maria Nóbrega Júnior, de 34,9 para 58,9 é um número elevado de mortes, caracterizado pelo autor como uma explosão, uma catástrofe social de grande impacto.

Relação de faixa etária de números de homicídios entre 1990-2000.

Colocação	15-19 anos	20-29 anos	30-39 anos
1º	146%	-	-
2º	-	50%	-
3º	-	-	12%

Fonte: Nóbrega Júnior (2010).

O número de mortos por armas de fogo, segundo dados do FIOCRUZ em 1980-1990 teve um crescimento de 117% de mortes por armas de fogo. Segundo Júnior, cerca de 80% de homens entre vinte a vinte nove anos foram assassinados por armas de fogo, e a relação deste número de óbitos com a cor de pele é de 75%. Isto é, $\frac{3}{4}$ das vítimas são negras.

Além da cor, a educação é outro fator relacionado ao índice de homicídios, isto porque, segundo Nobrega Júnior (2010), os indivíduos que frequentaram o ensino fundamental são de 77% da população, já os que possuíam cerca de onze anos de estudo era de apenas 3% da população. De acordo com Nobrega Júnior (2010), os indivíduos com oito a nove anos de estudos há uma estabilidade nesse grupo de vítimas de violência intencional que é de sessenta e sete por cento de vítimas (67%), já os que possuíam de quatro a sete anos de estudo é os que foram mais vitimados, os números chegam a 287% de mortes.

Camaragibe soma tantas mazelas que é difícil garantir dignidade aos habitantes, os direitos humanos ali parecem uma conquista distante. A cidade parece estar sob o jugo da “lei da exclusão”. Segundo dados do instituto FIOCRUZ, 68% dos indivíduos ainda usavam fossas rudimentares, 5% decorriam o esgoto em rios e mar, e apenas 16% tinham ligação de saneamento básico. Expostos a insalubridade, violência, pouco acesso à educação formal, tudo isso possibilita, muitas vezes, um esforço para garantir a sobrevivência naquele lugar, o ingresso para o crime mostrou-se como vimos no tópico anterior, uma solução viável, mas que ao final torna a vida ali ainda mais difícil.

Muitos autores ao perceberem a dimensão destes indivíduos que residem em localidades afastadas dos grandes centros tomam o termo exclusão social na tentativa de explicar a situação, Nildo Viana (2009) considera o termo como fictício por que ninguém está excluído de uma sociedade; por isso o termo é considerado ideológico, pois não explica a concretude do fenômeno social e não indica as razões e intenções subentendidas. Excluir, nesse caso, é uma forma de integrar os sujeitos a uma lógica da dominação, quer seja explorado-os como mão de obra ou como exército de trabalhadores que não encontram quem pague por sua força de trabalho.

O processo de lumpemproletarização no Brasil e nos países capitalistas subordinados, em geral, é mais grave. Um dos motivos reside no fato de que tais países já possuem um alto índice de lumpemproletarização, que deve ao processo específico de constituição do capitalismo subordinado. (VIANA, p. 256, 2009).

Os indivíduos em Camaragibe lidavam com tudo isto, desemprego, educação ruim, família com baixíssima escolaridade, segundo dados do FIOCRUZ, a maioria da população era do sexo feminino com 51,4% , muitas jovens se tornavam mães precocemente, as mães que administravam os lares sem a ajuda dos parceiros, elas trabalhavam fora, no contexto histórico estudado, 50% da população era constituída por jovens, que não tinham muitas possibilidades de superar a opressão, o jovem sem educação adequada, moradia precária, sem saneamento, vivendo com uma renda abaixo do mínimo necessário para sobreviver.

E um cenário propício para emergir a violência, o aparecimento de quadrilhas, crime organizado, assaltos e roubos, Helinho estava integrado a ambiente. De acordo com o documentário e o site TERRA de notícias, o "Pequeno Príncipe" foi uma das vítimas do sistema capitalista que tem como princípio a super exploração e marginalização. “Esta agressividade sedimentada nos músculos, faz o colonizado manifestá-la primeiramente contra os seus” (FANON, 2008) a agressividade em um contexto como esse, segundo Fanon é um indicador da violência sofrida que faz que os oprimidos briguem entre si.

O documentário mostrou que a maioria, 75% das vítimas e praticantes de violência em Camaragibe eram negros. Wilson, integrante da banda Racionais MC's reconheceu que os homicídios na cidade produzia uma guerra de negro contra negro. Isso revela um lado perverso da miséria estrutural⁴, a opressão gera uma crise cujas vítimas entram numa rota de colisão auto destrutiva, Helinho não estava produzindo, conforme ele pensava, a limpeza da cidade, ao contrário, estava tornando-a ainda mais inóspita. Enquanto ele e seu bando contribuía para perpetuação da matança, a Aldeia acumulava mais recursos para se proteger da guerra "dos que não comem, dos abandonados"

Florestan Fernandes (2008) mostra que o negro, após a abolição foi abandonado, que recebeu de herança da servidão sofrida, a ignorância, a miséria e a degradação social. Foi com essa realidade que a geração de Helinho se encontrou em meados dos anos de 1990, fruto segundo esse mesmo autor, de uma “abolição mal acabada” que sugere a ideia de a libertação precária, liberdade que os negros da Camaragibe do final do século XX e início deste século não havia alcançado. A emancipação precária impedia a interação social. Interagir como define

⁴Estamos parafraseando o racismo estrutural de Sílvio Almeida (2019). Aplicamos a mesma lógica, porque os bosões de miséria não estão à parte da sociedade de consumo, ou seja, estão integrados a lógica do capital. Isto é, ser excluído, nesse sentido, é uma forma de pertencer.

o ator é ter acesso a subsídios econômicos, uma vez que vivemos numa sociedade capitalista. Como acessar tais subsídios se a herança é composta de ignorância, miséria e a degradação social?

Ao se referir ao contexto após a abolição, Florestan Fernandes (2008) afirma que alguns indivíduos ingressaram na prostituição, na criminalidade, nos vícios e outros no roubo. Hélinho, contudo optou “fazer justiça com as próprias mãos,” eliminar os indivíduos que praticavam roubos, traficantes e assassinos, identificados por ele como “alma sebosa” . Porém, para ele a prática criminosa era fazer o bem, para esse jovem se tratava apenas de fazer justiça. O rap da Banda Faces do Subúrbio ajuda a entender o conceito “alma alma serosa”:

Alma sebosa
 Preste atenção alma sebosa vacilão,
 Vamos falar a verdade, você escutando ou não,
 Porque é tanto alma sebosa não aguentamos mais,
 Que é nosso amigo na frente, mas, inimigo por trás,
 Não se contentam em apenas não ajudar
 Tentam de qualquer maneira nos prejudicar.
 [...]E se um arrependimento prometido, pois o seu comportamento não tem bom resultado.
 Alma sebosa não transmite esta energia pra ninguém,
 Pois sua conduta não é pura não traz o bem,
 Desconsidera em si o próprio irmão,
 Em lugar da paz você só trás confusão,
 Não se garante na parada,
 E ainda conta vantagem,
 Engana Deus e o mundo na maior furelagem,
 Chega na reia é visto como um alienado mentiroso, cabuloso e também cabra safado.
 (FACES DO SUBÚRBIO. Alma Sebosa. MZA Music. 2000).

“Alma sebosa”, segundo os depoimentos do documentário e como bem ilustrado a letra da música, é o indivíduo que práticas desavenças sociais, “alma sebosa” é o sujeito de conduto impura, uma espécie de contaminante do ambiente. Sobreviviam tirando dos outros o que não é seu, causando sofrimento, outro elemento apontado na música é que a “alma sebosa” desconsidera o irmão, quem seria irmão na letra da música? É o indivíduo que pertence a mesma classe social, compartilha da mesma "debilidade social." Além disso, não só a penúria de cada dias os nivelava, a origem "racial" também, a “alma sebosa,” contudo, ignorava as razões de suas misérias, o inimigo de fato, talvez por isso, em vez de lutar com o sistema, atacava a própria classe, os da própria "raça".

Hélinho pertencia a classe dos oprimidos, era negro, pobre, porém não compreendia todo este jogo do modo de produção capitalista (acumulação, opressão e "exclusão"⁵). Ele quis "impor

⁵Definimos exclusão neste trabalho como a maneira como o sistema capitalista insere no jogo os oprimidos, portanto, estar fora, é paradoxalmente ser de dentro.

paz e segurança" na comunidade que residia. A forma de luta de Hélinho era equivocada, os exploradores daquela população não eram os "almas sebosas"⁶, mas, uma classe dominante que possuíam os meios de produção e exploram, oprimem e segregam.

Isto nos leva a cena inicial do "Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas", um homem negro rastejando, representando a decadência, o sucumbir dos negros em Camaragibe no final dos anos 1990, a luta mal focada, realidade social mal interpretada, existia na cidade um programa de Rádio que tinha como nome "Cardinó, quem não crítica rasteja", mas, somente quem compreende sua condição social, consegue fazer uma crítica ao modelo social, implica em atuar para alterar o quadro que gera as "camaragibes". Aqueles que não o juízo adequado do quadro social "rastejam", sucumbem enquanto acreditam atacar o inimigo certo: "almas sebosas".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, ao concluirmos a análise do documentário conseguimos elencar algumas considerações a respeito do quadro social de Camaragibe e da biografia do justiceiro Helinho (o Pequeno Príncipe). Destacamos que, o alcance do documentário vai muito além de contar a história de uma cidade ou de um membro de um grupo de extermínio. Olhas para este documentário é olhar para um processo social, um modo de produção arquitetado para gerar opressão.

compreendemos ainda que a violência de Camaragibe está relacionada ao racismo estrutural, o qual segundo Sílvio Almeida (2019) está ligado ao próprio modo de produção capitalista, o qual se constituiu como sistema produtor de desigualdade. Portanto, analisar a história de Helinho e sua Camaragibe é vislumbrar uma situação que não é singular aquela cidade, e sim perceber uma arquitetura da violência gerada nos valores da própria modernidade capitalista.

Isto é, Hélio José Muniz Filho (o Pequeno Príncipe) não gerou o Helinho, Camaragibe não gerou Camaragibe, ambos são "crias" de como as cidades se estruturam, separando para um canto os que não tem, enquanto garante a reprodução dos privilégios dos que muito possuem.

⁶A Canção de Elza Soares tem um trecho que diz: "a carne mais barata do mercado é a carne negra", já uma outra canção, de Lenine diz que a "a alma sebosa é mais barato". Isto é, o sistema via tanto Helinho como suas "almas sebosas" com o mesmo valor, eram para o sistema, facilmente descartáveis, porque "todos pretos, quase brancos de tão pretos".

Tanto as vítimas quanto os praticantes de atos violentos, conforme ficou demonstrado acima, eram gente com pouca escolaridade, compartilhavam ambiente insalubre e "quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres."⁷ Isto é, a miséria é um estigma engendrado contra um recorte sociorracial específico, muito característico do capitalismo intrinsecamente ligado ao racismo.

O termo improvisado que aparece no texto é afinal a referência não a algo casual, concluímos que o improviso de Helinho e de sua Camaragibe compõe um engendramento estrutural e estruturado, a improvisação dos "bandidos" e dos justiceiros, ao contrário do que acreditavam não criavam as soluções que buscavam, não consolidava a sobrevivência "de malfeitores", tão pouco garantia a paz esperada para os caçadores de almas sebosas. Afinal, em vez de solução, o improviso condenou os helinhos e as "almas sebosas" a criarem um ambiente de "autofagia".

Diante disto consideramos sobre quem eram os indivíduos sofriam com a precariedade social, mais também com a violência eram negros os dados informam que a maioria dos vitimados de homicídios ocorridos na cidade se tratava de indivíduos de cor de pele negra jovens entre quinze e dezenove anos, percebemos que estes dados indicam que a violência tem classe social os miseráveis, mas também tem cor, a raça negra. Relacionarmos e a violência ocorrida em Camaragibe é um reflexo de uma "abolição mal acabada" que libetou o negro da senzala, porém, a exploração permaneceu de outra forma deixando-o a margem da sociedade.

Por isto, que o mecanismo de defesa adotado por Helinho de despachar as almas sebosas, não lograva êxito, não é matando as vítimas do sistema que se obteria liberdade, o problema é complexo, é preciso primeiramente libertar as mentes carregadas de preconceitos, compreender a condição de vida do negro no passado, buscar no presente mudanças sociais, para um futuro melhor, como o integrante do grupo encapuzado exemplificou com a música de Jonh Lennon, um mundo sem motivos para se matar, sem concentração de bens nas mãos de poucos, sem fome, dor e choro.

Paralelamente os habitantes da Aldeia, alheios a essa guerra de auto destruição reproduziam as condições do distanciamento e de mais acumulação e opressão. Assim, o que o documentário nos mostrou é que, a miséria dos de baixo é garantido pela opulência dos de cima, o enfrentamento desse quadro, portanto não virá daqueles que gozam das garantias de uma estrutura que garante a desigualdade. Isto é, a "autofagia" poderá ser estancada se os que sofrem

⁷Extraído da letra da canção "Haiti" de Caetano Veloso.

a miséria. Por isso, concluímos que Helinho é produto, é consequência dessa arquitetura da desigualdade.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Maria Alice. **Para uma História do Negro no Brasil**. — Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988.

ALMEIDA, **Sílvio Luiz de**. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BEZERRA, Laura Jullyana Noia. **A Evolução da Violência Homicida no Nordeste Brasileiro e no Estado de Pernambuco: Fatores Socioeconômicos que mais se Relacionam com as Altas Taxas de Homicídios**. Disponível em <https://ideas.repec.org/a/erv/coccss/y2012i2012-0724.html>. Acesso em set. de 2017.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1997.

FIOCRUZ. **Trajatória dos homicídios em Pernambuco nas últimas décadas de XX**. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4359> Acesso em: Set. De 2017.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2008, v. 1.

JÚNIOR, José Maria Pereira da Nóbrega. **Homicídios em Pernambuco: Dinâmica e Relações de Causalidade**. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1558>, Acesso em: Set. de 2017.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. **Abolição No Brasil: A Construção Da Liberdade**. **Revista HISTEDBR On-line**. - Campinas.2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312867755_Abolicao_no_Brasil_a_construcao_da_liberdade Acesso realizado em: setembro/2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário/Bill Nichols**, tradução Mônica Saddy Martins-Campinas, SP: Papius, 2005. - (Coleção Campo Imagético).

VIANA, Nildo. **O Capitalismo na era da acumulação integral**. –Aparecida São Paulo: Editora Santuário, 2009.

VIANA, Nildo. **Violência Urbana: A Cidade como Espaço Gerador de Violência**. - Goiânia Goiás editora Germinal 2002.

ORICCHIO, Luiz Zanin: **O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas Documenta Violência Urbana**. Agência Estado Terra. Online. 31 de Ago. 2000. Disponível em <https://www.terra.com.br/cinema/drama/rap.htm>. Acesso em: Set. de 2018.

FILMOGRAFIA

O RAP, do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas. Raccord Produções Artísticas e Cinematográficas. Recife. 2000. DOC (75 min).

SOBRE OS AUTORES**NEILSON SILVA MENDES**

Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Pela Universidade Estadual de Goiás

MICHELLE GUSMÃO OLIVEIRA

Graduanda em História pela universidade Estadual de Goiás